



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TRILHA ECOLÓGICA COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CARIRI CEARENSE

Autor: José de Caldas Simões Neto
Profº Orientador: Francisco Roberto de Sousa

Anne Sullivan University – ncaldas_22@hotmail.com - sousaroberto420@gmail.com

RESUMO

Educação ambiental é o processo por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. As trilhas ecológicas apresentam-se como uma ferramenta para tornar o conhecimento pertinente, contextualizado e real. O contato com a natureza é o elemento motivador para dar encanto e interesse pela atividade de educação ambiental. Seu objetivo está centrado na melhor maneira de conduzir a atividade, de forma possa alcançar finalidades educativas, por meio da experiência prática. O principal objetivo desse estudo é compreender as trilhas ecológicas como prática de educação ambiental e conhecer as áreas de preservação ambiental na região do cariri cearense. Foram utilizadas as técnicas de documentação indireta com pesquisa bibliográfica. No cariri cearense encontramos onze unidades de conservação, criadas em âmbito federal, estadual ou municipal, todas essas unidades permitem a realização de trilhas ecológicas educativas, além de outros locais ainda não contemplados como unidade de conservação, mais que existem trilhas e locais naturais ainda preservados. A educação ambiental deve ser um processo permanente, onde os indivíduos e toda a comunidade local devem tomar consciência sobre o meio ambiente. As trilhas ecológicas são ferramentas essenciais para a sensibilização de todos para a importância do homem e da natureza possam conviver em harmonia, levando a uma reflexão entre a educação e a sociedade capitalista, onde possa realizar uma transformação nas práticas dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; Ensino; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A questão em debate sobre a educação ambiental atual, vindo sendo apresentada por diversos estudos a partir da reflexão sobre as práticas sociais da humanidade contemporânea. Essa dimensão ambiental é uma crescente que envolve um conjunto de sujeitos e sistemas de conhecimentos. Nesse sentido a produção dos saberes está diretamente interligando as inter-relações do meio natural com o social, o papel dos diversos atores envolvidos nesse contexto, sua forma de organização do espaço social e ambiental, onde o desenvolvimento das sociedades possa ocorrer com ações de sustentabilidade socioambiental para que ambas possam permanecer vivas.

Segundo Leff (2001) *apud* Jacobi (2003) a maior parte da população brasileira vive em cidades, que isso nos leva a perceber uma grande e crescente degradação das condições de vida



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

refletindo em uma crise ambiental. Levando-nos a um desafio e reflexão no pensar e agir numa perspectiva contemporânea sobre a questão ambiental.

Conferência de Belgrado em Educação Ambiental (1975) foi o início do processo em nível mundial para criar condições que possam sensibilizar a todos sobre o valor da natureza e buscar novas formas de orientação do conhecimento baseando-se em métodos de interdisciplinaridade para a educação ambiental. Podemos citar ainda a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de Tbilisi (1977), a Conferência de Educação Ambiental e Treinamento de Moscou (1987), o Congresso Mundial de Educação e Comunicação sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento realizado em Toronto (1992), encontros marcados com debates sobre a reflexão do homem e a natureza (BRASIL, 2014).

A visão da Educação e Conscientização Pública foi enriquecida por Conferências da ONU: sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio de Janeiro, 1992), Direitos Humanos (Viena, 1993), População e Desenvolvimento (Cairo, 1994), Desenvolvimento Social (Copenhague, 1995), da Mulher (Beijing, 1995), Assentamentos Humanos (Istambul, 1996), bem como pela 19ª Assembleia Geral da ONU (1997) reafirmamos que para atingir a sustentabilidade, são requeridos enormes esforços de coordenação e integração num grande número de setores e uma mudança radical nos comportamentos e estilos de vida, incluindo-se a mudança nos padrões de produção e de consumo (BRASIL, 2014).

O campo educativo tem sido fertilizado transversalmente nesses encontros, com isso tem-se possibilitado a realização de experiências concretas em relação à prática da educação ambiental de forma criativa e inovadora por diversos segmentos da população e em diversos níveis de formação. Refletir sobre a complexidade da natureza abre uma estimulante oportunidade para compreensão de ações sociais que possam sensibilizar para a apropriação da natureza de forma sustentável, e o processo educativo articulado com compromisso da sustentabilidade e da participação, apoiando-se numa lógica do diálogo e da interdependência de diferentes áreas dos saberes a sociedade poderá continuar crescendo em harmonia (JACOBI, 2003).

A preocupação com o desenvolvimento sustentável representa uma possibilidade de garantir as mudanças e transformações no planeta sobre os riscos e danos socioambientais, que estão cada



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

vez mais notórios. A “sociedade de risco” é a compreensão de um cenário marcado por uma nova lógica de distribuição dos riscos (BECK, 1992).

Beck (1992), identifica essa sociedade de risco com uma segunda modernidade ou modernidade reflexiva, que emerge com a globalização, com a individualização, a revolução de gênero, o subemprego e a difusão dos riscos globais. Riscos caracterizados por ter consequências, que em geral são de alta gravidade e desconhecidas em longo prazo, onde não podem ser avaliadas com precisão, é o caso dos riscos ecológicos, químicos, nucleares e genéticos.

Leff (1999), destaca a problemática ambiental em diversos segmentos da sociedade, promovendo estudos sobre a questão de preservação e sustentabilidade. As trilhas ecológicas surgem nesse contexto como um recurso metodológico para a prática ambiental, visando à transmissão de conhecimentos através do contato direto com a natureza, visão, olfato, tato, paladar e os sentimentos no contato direto forma a interdisciplinaridade a possibilidade da sensibilização ambiental dos sujeitos.

As trilhas ecológicas são uma proposta de filosofia de vida, com resgate dos valores éticos, sociais, democráticos e humanistas, com objetivo de assegurar a forma de convívio coerente do homem com a natureza. Como também propõe ações para transformar a sua casa, rua, bairro, escola e comunidade com o princípio do respeito entre todos que fazer parte desse meio. A educação é o portal para o desenvolvimento sustentável no novo paradigma do desenvolvimento econômico e social (CAMARGO, 2002).

As trilhas ecológicas desempenham um importante papel no processo de conservação da natureza, pois facilitam no acesso de pessoas aos locais naturais, a sua interação com a natureza diretamente, que repercute em mudança de comportamento na relação homem-natureza. Com esse contato podemos destacar a conexão dos visitantes com o lugar, criando uma maior compreensão e apreciação dos recursos naturais e culturais; provocar mudanças de atitude, atraindo e envolvendo as pessoas nas tarefas de conservação (ARANCÍBIA; CAVALCANTE, 2005).

As trilhas são utilizadas em serviços administrativos (normalmente por guardas ou vigias), em atividades de patrulhamento (a pé ou a cavalo) ou pelo público visitante, em atividades educativas e/ou recreativas. As trilhas são divididas em curtas, médias e de longas distâncias. Trilhas de curta e de média distância apresentam caráter recreativo e educativo, com programação



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que envolva interação com o ambiente natural. Já as trilhas de longas distâncias valorizam a experiência do visitante que busca deslocar-se por espaços mais longos ou selvagem, praticando ou não de forma esportiva fazendo a travessia de uma região ou a subida de uma montanha, realizando os esportes de aventura como escaladas, rapel e *trekking* (RODRIGUES; TORVES, 2007).

Dessa forma as trilhas ecológicas são consideradas uma prática de educação ambiental na medida em que proporcionam estratégias de aprendizagem de forma dinâmica e participativa, com informações sobre o local visitado, histórias e curiosidades, os recursos naturais, floral e fauna nativa, exploração racional, conservação e preservação ambiental consciente, além de gerar renda com o turismo ecológico para a comunidade local.

METODOLOGIA

Foram utilizadas as técnicas de documentação indireta com pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e observacional. Fachin (2003), denomina como um conjunto de conhecimentos humanos reunidos nas obras e a pesquisa documental (fontes secundárias) que corresponde a toda informação de forma oral, escrita ou visualizada.

Marconi e Lakatos (2004), explicam que a abordagem qualitativa se trata de uma pesquisa que tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento. Assim, o que percebemos é que a ênfase da pesquisa qualitativa é nos processos e nos significados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Território do Cariri, correspondendo a uma área de 16.350,40 km² localizado na região sul do Estado do Ceará, zona semi-árida, tendo como limites ao sul, o estado de Pernambuco; a oeste, o estado do Piauí; a leste, o estado da Paraíba e ao norte, os municípios de Aiuaba, Saboeiro, Jucás, Cariús, Cedro, Lavras da Mangabeira e Ipaumirim.

As terras localizadas no sopé da Chapada do Araripe eram habitadas pelos índios Kariri, antes da chegada dos portugueses no interior brasileiro durante o século XVII. Os integrantes das caravanas, militares e religiosos, mantiveram os primeiros contatos com os nativos, estudaram toda



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

a região do Kariri, como chamavam o território do Cariri anteriormente, catequizaram os indígenas e os agruparam em aldeamentos ou missões. A busca do metal precioso, nas ribanceiras do Rio Salgado, trouxe para a região do Cariri, a colonização e como consequência a doação de sesmarias, o que permitiu o surgimento de lugarejos e vilas, que mais tarde se tornaram municípios, cada um com um processo distinto de formação.

O território, como pode ser visto pela Figura 01, abrange 28 (vinte e oito) municípios, divididos – por sua vez – em três microterritórios: Micro-Território Cariri Central com uma área de – aproximadamente – 5099,7 km², formado por Abaiara, Barbalha, Caririçu, Crato, Farias Brito, Grangeiro, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha e Várzea Alegre. Micro-Território Cariri Leste, que possui uma área de – aproximadamente – 4656,1 km², com os municípios de Aurora, Barro, Brejo Santo, Jati, Mauriti, Milagres, Pena Forte e Porteiras. Micro-Território Cariri Oeste, com uma área de – aproximadamente – 5186,1 km², é formado pelos municípios de Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Campos Sales, Nova Olinda, Potengi, Salitre, Santana do Cariri e Tarrafas.

Esta configuração estabeleceu-se a partir das Leis Complementares do Estado do Ceará, que são as seguintes: Lei Complementar nº 03, de 26/06/1995 – D.O. de 27.06.1995, Lei Complementar nº 18, de 29/12/1999 – D.O. de 29.12.1999 e Lei Complementar nº 34, de 21/05/2003 – D.O. de 23.05.2003.

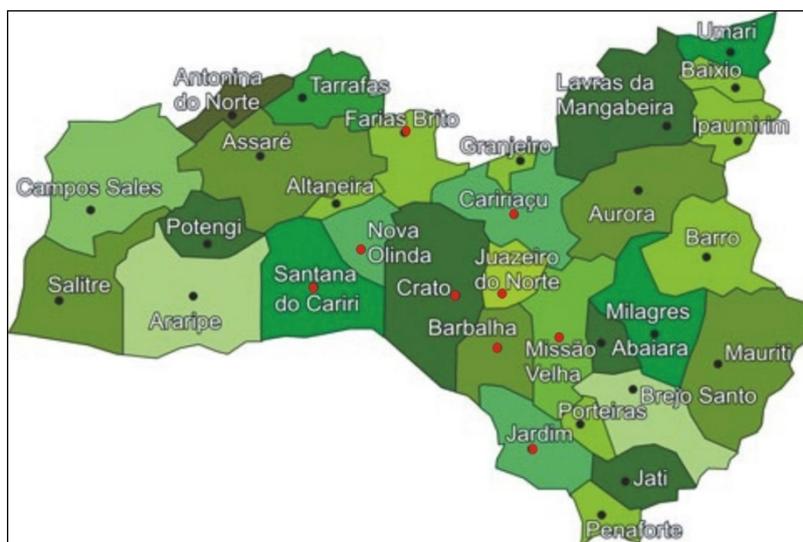


Figura 01: Mapa território do Cariri Cearense.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Fonte: Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável: Território Cidadania do Cariri. BRASIL, 2010.

Segundo a Secretaria das Cidades do Estado do Ceará, até 2013, US\$ 65 milhões serão investidos para a implantação do projeto Cidades do Ceará/Região Metropolitana do Cariri. Uma parcela desses recursos será destinada ao fomento e fortalecimento do setor turístico por meio, por exemplo, da construção do Centro de Cultura e Eventos do Cariri no Crato; do projeto Roteiro da Fé que requalificará o centro comercial de Juazeiro do Norte; e a implantação no sítio Tupinambá em Barbalha do Museu do Engenho. São relevantes, também, os projetos e as ações turísticas voltadas para a gestão, construção de centros de interpretação do patrimônio geológico, e melhorias ambientais dos geosítios do Geopark Araripe e o projeto cidades do Ceará, onde no Cariri dentre as atividades desenvolvidas destaca-se os arranjos produtivos locais de calçado e do turismo.

A Floresta Nacional de Araripe – FLONA, foi criada em 02 de maio de 1946, em cumprimento do Decreto-Lei no. 9.226. Cobre uma área de cerca de 38.262 hectares e perímetro de cerca de 138 quilômetros, entre os municípios de Barbalha, Crato, Jardim e Santana do Cariri, todos no Ceará. Assim, em razão de sua localização e seu potencial, a Floresta Nacional do Araripe apresenta grande importância pelas funções ecológicas que desempenha. Constitui a primeira Unidade de Conservação de sua categoria estabelecida no Brasil, cujo objetivo é conservar os recursos florestais para manter as nascentes d'água que irrigam os vales.

A vegetação típica abrange formações de Floresta Úmida até Cerradão e Carrasco, passando por áreas de fitofisionomias de transição entre os dois extremos. O clima da Flona é caracterizado como tropical chuvoso, com precipitação anual por volta dos 1000mm e precipitação no mês mais seco menor que 30mm. O período de estiagem é de aproximadamente 5 a 6 meses e ocorre durante o inverno, entre maio e dezembro – agosto a outubro são os meses mais secos. A temperatura média no mês mais frio é maior ou igual a 18°C e chega a aproximadamente 34°C nos dias mais secos do ano – tipicamente em agosto (BRASIL, 2006).

A Chapada do Araripe é um atrativo natural na região do Cariri cearense. Que dispõem de trilhas para caminhadas ou de bicicleta. O turismo ecológico tem sido cada vez mais estimulado na região. Grupos de educação ambiental têm visto nessas iniciativas uma boa oportunidade para adequar o prazer do esporte à conscientização ambiental. O Ceará possui o único Geopark das



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Américas. O Geopark Araripe localizado na região do cariri, possui patrimônio natural único, singular, ímpar. Parte do patrimônio natural possui proteção legal por meio das diferentes Unidades de Conservação presentes no território do Geopark Araripe.

Conforme Cabral e Silva (2012), quanto à conservação e preservação da biodiversidade, contemplando-se à proteção do patrimônio natural e cultural, mencionado espaço abrigam 11 unidades de conservação (UCs), criadas em âmbito federal, estadual ou municipal.

Quadro 01: Unidades de Conservação no território do cariri cearense.

Unidade de Conservação	Diploma Legal	Área (ha)	Município (s)	Adm.
Floresta Nacional (FLONA) do Araripe-Apodi	Decreto-Lei nº 9.226, de 02.05.46	38.262,32	Santana do Cariri, Crato, Barbalha, Missão Velha e Jardim	Federal
Parque Ecológico das Timbaúbas	Decreto no 1.183 de 16/06/1997	634,50	Juazeiro do Norte	Municipal
Área de Proteção Ambiental (APA) Chapada do Araripe Área total engloba municípios do Ceará, Piauí e Pernambuco, perfazendo 1.042.495,74 há	Decreto s/ no de 04/08/1997	617.302,12 (estado do Ceará)	Missão Velha, Abaiara, Brejo Santo, Porteiras, Jati, Penaforte, Barbalha, Crato, Nova Olinda, Santana do Cariri, Araripe, Potengi, Campos Sales, Salitre, Assaré, Altaneira, Farias Brito	Federal
Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Arajara Park	Portaria IBAMA no 24 de 29/02/1999	27,81	Barbalha	Particular
Parque Natural Municipal da Cachoeira de Missão Velha	Lei No 002 de 15/02/2002 e Lei-complementar No17 de 18/11/2002	120,00	Missão Velha	Municipal
Monumento Natural Pontal da Santa Cruz	Decreto n 28.506 de 01/12/2006	200.034,24	Santana do Cariri	Estadual
Monumento Natural Sítio Canabrava	Decreto no 28.506 de 01/12/2006	181.500,00	Santana do Cariri	Estadual
Monumento Natural Sítio Riacho do Meio	Decreto no 28.506 de 01/12/2006	173.207,09	Barbalha	Estadual
Monumento Natural Cachoeira do Rio Batateira	Decreto no 28.506 de 01/12/2006	75.332,98	Missão Velha	Estadual
Parque Estadual do Sítio Fundão	Decreto Nº 29.307 de 05/06/2008	93,52	Crato	Estadual
Parque Municipal Ecológico do Riacho do Meio	Decreto Nº 048/2009 de 28/09/2009	15,81	Barbalha	Municipal

Fonte: Cabral e Silva, Revista Olam. Rio Claro: UNESP, 2012.

Na cidade de Juazeiro do Norte podemos encontra o Geossítio Colina do Horto, sobre rochas de 600 milhões de anos, as mais antigas da região da Chapada do Araripe, Cícero Romão Batista o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Padre Cícero ergueu em 1907 uma espaçosa casa, no entorno da qual seus beatos em retiro passaram a morar. O nome, dado ao local mais alto da cidade de Juazeiro, foi em homenagem ao Monte (ou Horto) das Oliveiras, em Jerusalém. Em 1969, 35 anos após sua morte, o Horto do Padre Cícero recebeu uma estátua de 27 metros de altura, que hoje é o centro de devoção religiosas dos nordestinos. O caminho sagrado percorrido pelos romeiros, chamado de Caminho do Santo Sepulcro, foi transformado em trilha pelo Geopark Araripe. Uma trilha longa e de difícil percurso, com trajeto de quase 6 km (2,8 km de ida 2,8 km de volta), um caminho na mata que os beatos iam até uma capela, no extremo do vale para meditar. No local encontra-se a sepultura do beato Manoel João. Há também formações rochosas consideradas sagradas, e a mais famosa delas é a Pedra do Pecado, que possui uma fenda no meio, que dizem que só passa por ela quem é puro de coração. Natura e fé juntas no mesmo local.

A cidade do Crato cresceu aos pés da Chapada do Araripe, também chamada de “serra” pelos habitantes locais. Com o formato de um vale, o lugar se desenvolveu primeiro na parte plana, enquanto a parte mais alta, na Chapada, ficou preservada por pequenas propriedades rurais. O Parque Estadual do Sítio Fundão, área particular de preservação, que foi comprada em 2008 pelo Governo do Estado, cortada pelo Rio Batateiras, forma um pequeno cânion com seu curso, o local tem importância histórica, por preservar um raro sobrado de pau a pique com mais de uma centena de anos, partes de uma barragem construída por escravos e as ruínas de um engenho de tração animal. Além disso, é área de preservação do bioma da região, que tem como astro o Soldadinho do Araripe, pequena ave que só é encontrada na Chapada do Araripe. Por tudo isso, o Geopark Araripe escolheu o parque para sediar o Geossítio Batateiras, o único da cidade. No Geossítio Batateiras encontramos trilhas sinalizadas, placas educativas sobre o bioma, história e dados do local.

Na cidade do Crato ainda podemos citar a Trilha do Belmonte localizada na FLONA com os Mirantes do Serrano, do Preá, do Picoto e o Mirante da Pedra da Coruja, além da Trilha da Nascente e Pedra da Batateira, com várias fontes naturais e floresta preservada. Infelizmente muitas fontes estão sendo explorada sem orientação, essa exploração poderá levar ao fim das fontes onde poderá secar caso o manejo do local não seja preservado.

Em Santana do Cariri podemos encontrar o Geossítio Ponta da Santa Cruz, é literalmente uma das pontinhas da Chapada do Araripe, onde é possível ter uma linda vista do vale. Há uma cruz



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

e uma capela, instalados pelos antigos moradores do povoado que fica logo abaixo, o Cancão Velho. Eles escutavam barulhos estranhos e faíscas de luz, e acreditavam que havia um diabo no local. A sua trilha é curta, porém totalmente vertical, com 400 metros de subida.

Ainda encontramos na cidade o local conhecido como “Pedra Cariri”, onde é extraído pedras para utilização na construção civil desde o século XIX até os dias atuais. Nos últimos anos, há um enorme esforço de coletar os fósseis encontrados nas lavras de calcário, que são encaminhados ao Museu de Paleontologia da URCA, na cidade. O Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri na cidade reúne mais de 7.000 peças fósseis, datadas de períodos geológicos como o jurássico e o cretáceo, entre 145 e 100 milhões de anos atrás. As réplicas de seres vivos que habitaram nosso planeta, antes da existência do homem, podem ser adquiridas no museu, e Geossítio Parque dos Pterossauros o mesmo mostra sua enorme diversidade de fósseis encontrados pelos especialistas e garimpeiros em todo País.

Na cidade de Barbalha encontra-se o Geossítio Riacho do Meio, reúne elementos de pedras, fontes de água cristalina, vegetação verde e temperatura fresca, em plena época de seca no sertão como uma bela amostra da fertilidade e variedade natural presentes no sopé da Chapada do Araripe. A sua trilha é de cerca de 880 metros, que levam às fontes e às pedras com formatos diferentes com Pedra da Coruja e Pedra do Morcego. Este local foi abrigo do bando de cangaceiros Os Marcelinos, que atuou na região na década de 1920, e que foi em parte exterminado em um local, conhecido como Alto do Leitão. Além dessa trilha podemos citar as Trilhas do Caminho das Águas, Trilha do Cruzeiro e o Canto do Soldadinho, local onde ainda encontra-se o pássaro em extinção que só consegue viver em ambiente totalmente preservado em sua vegetação e a beira de fonte de água.

Em Nova Olinda podemos encontra o Geossítio Ponte de Pedra é um sítio marcante na paisagem, com bela vista panorâmica, localizado na descida da Chapada do Araripe. É representado por uma formação rochosa natural que lembra uma ponte, pois cobre o vão de um riacho que só apresenta água em épocas de chuva. O Geossítio Ponte de Pedra corresponde a uma geofoma esculpida no arenito, resultado da erosão provocada pela água ao longo dos últimos milhões de anos. Como diz o ditado popular “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

Localizado no Sítio Cachoeira, a 3 km da sede do Município de Missão Velha, este Geossítio Cachoeira caracteriza-se por quedas d’água, com aproximadamente 12 metros de altura,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

formadas pelo Rio Salgado. Este geossítio está inserido no Parque Natural Municipal da Cachoeira de Missão Velha. Geossítio costuma chamar atenção de quem passa por este ponto, e é motivo de várias lendas e histórias de encantamentos e mortes.

Na cidade de Missão Velha ainda temos o Geossítio Floresta Petrificada do Cariri está localizado no Sítio Olho D'água Comprido, a 6 km a sudeste de Missão Velha, na localidade conhecida como Grota Funda. O geossítio guarda um tesouro paleontológico de valor incalculável, que tem especial importância para o estudo da paleobotânica e da evolução geológica.

Outras cidades na região do cariri cearense não têm geossítios reconhecidos, mais dispõem de belíssimas paisagens e locais deslumbrantes onde a natureza ainda mantém-se vivas e intactas. Em Abaiara podemos cita a Pedra da Natureza na Serra da Mauzinha e o Sítio Lajedo no Distrito da cidade na Vila São José. Em Milagres a Pedra do Chapéu, em Brejo Santo a Pedra do Urubu, localizada no alto da Bela Vista, antigo Serrote, de um dos ângulos, a pedra apresenta o perfil de uma face humana que, segundo os moradores do bairro, é a imagem de Jesus Cristo. Em Porteiras o pontal Pedra Branca, onde existe um projeto na Câmara Municipal da cidade com o intuito de criar a Unidade de Conservação sustentável da Pedra Branca e ainda tornar o espaço onde a pedra se localiza em uma unidade de preservação integrando ao projeto Geopark Araripe.

Todos esses locais e outros fazem parte da natureza da região do cariri cearense, onde sem a educação ambiental dos moradores e visitantes não poderíamos desfrutar dessas belezas naturais de nossa região. As trilhas educativas devem ser organizadas e orientas de forma que possam disseminar o conhecimento e sensibilizar a todos sobre a questão de sustentabilidade e da ação do homem na natureza.

De acordo com a Lei n. 9.795 de 1999, em seu artigo 13º define Educação Ambiental Não-Formal como as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente (BRASIL,1999). Sendo as trilhas ecológicas um dos recursos que podem ser utilizados em práticas de Educação Ambiental de caráter não formal. “As trilhas são consideradas interpretativas quando seus recursos são traduzidos para os visitantes, relacionando recursos, como as paisagens, a flora ou a fauna com os seres humanos” (MENGHINI; GUERRA, 2008, p. 5-6).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A educação ambiental deve ser um processo permanente, onde os indivíduos e toda a comunidade local devem tomar consciência sobre o meio ambiente. Na prática, esse processo de tomada de consciência assume maior importância diante do distanciamento existente entre as pessoas, cada vez mais urbanas, e os ambientes naturais.

O cotidiano desvinculado da realidade dos ambientes naturais cada vez mais dificulta o processo onde as pessoas possam ter conhecimento das consequências de suas atitudes sobre o ambiente, e que possam avaliar a importância da natureza na nossa sociedade, pois muitas ignoram até os mais simples processos da natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trilhas ecológicas podem ser utilizadas como ferramentas de educação ambiental, sendo muito eficazes, porém, devem ser bem administradas para que o seu uso não torne-se um agravante da degradação ambiental local. A prática de atividades esportivas e educacional nas trilhas devem ser bem planejadas e orientadas pelos órgãos responsáveis pela área de preservação, de modo que permita o acesso às áreas mais interiores das unidades de conservação, como também manter a segurança dos visitantes e minimizar os impactos que possam acarretar com as visitas.

Muitos locais na região do cariri cearense ainda não estão legalizados e não são unidades de conservação isso poderá levar a degradação total desses locais, pois o avanço da urbanização cada vez mais aproxima-se desses ambientes naturais ainda intactos. Se as políticas públicas municipais, estaduais e federais não atuarem logo, não será possível manter a integridade natural de muitos ambientes naturais de nossa região.

A partir do confronto entre o enunciado na literatura e o que vivemos atualmente, compreende-se que é possível entender a educação ambiental como a “arma” para manter vivo e íntegro esses locais naturais, e permitir uma harmonia entre o homem e a natureza, onde ambos possam conviver sem interferir com tanta voracidade um com o outro. As trilhas educativas no contexto da educação ambiental levam a um debate e reflexão entre a educação e a sociedade capitalista, onde possa realizar uma transformação nas práticas dos sujeitos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFERÊNCIAS

ARANCÍBIA, S. D.; CAVALCANTE, A. DE M. B. **Conservação da biodiversidade e da paisagem através de trilhas com sinalização para o ecoturismo, na Reserva Ecológica de Sapiranga, Ceará.** Anais da 57ª Reunião Anual da SBPC, Fortaleza, 2005.

BECK, U. **Risk society.** London: Sage Publications, 1992.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiental.** 2014. Disponível em <http://www.mma.gov.br/agua/item/8070-declara%C3%A7%C3%A3o-de-thessaloniki>

_____. **Plano operativo de prevenção e combate aos incêndios florestais da floresta nacional de Araripe.** Ministério do Meio Ambiental, 2006. Disponível em: file:///C:/Users/Netto%20Caldas/Downloads/11-floresta_nacional_araripe-ce.pdf

_____. **Decreto-lei nº 9795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 1999.

CABRAL, N; SILVA, A. **Análise do patrimônio natural e cultural do Geopark Araripe/CE a partir da legislação ambiental pertinente.** Revista Olam. Rio Claro: UNESP, 2012.

CAMARGO, A. L. de B. **As dimensões e os desafios do desenvolvimento sustentável: concepções, entraves e implicações à sociedade humana.** Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC. Florianópolis, 2002.

CEARÁ. **Lei Complementar nº 18 de 29/12/1999.** Disponível em: <http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=122111>

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia.** Saraiva, 4. ed. São Paulo,, 2003.
Geo Park Araripe. Disponível em: <http://geoparkararipe.org.br/>

JACOBI, P. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade.** Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2003.

LEFF, E. **Educação ambiental e desenvolvimento sustentável.** In REIGOTA, Marcos (org.). Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro, 1999.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica.** Atlas, 4a ed. São Paulo, 2004.

MENGHINI, F. B.; GUERRA, A. F. S. **Trilhas interpretativas: Caminhos para a Educação Ambiental.** ANPEDSUL, Itajaí Santa Catarina, 2008.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RODRIGUES, L. M.; TORVES, J. C. **Manual do Curso de Condutor de Trilhas e Percursos Ecológicos. Escola de Agroturismo Sul.** ASSOTUR- Associação de Turismo Estrada do Imigrante. 3 Léguas. Caxias do Sul, 2007.

SILVA, M. M. *et al.* **Trilha ecológica como prática de educação ambiental.** Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental REGET/UFSM, 2012.